

Pró-logos em celebração ao centenário de Deleuze

Faz sentido escrever um *pró-logos* (πρόλογος) para alguém que detestou os começos e os finais? Um discurso (λογος) que se diz antes (πρό) da história, da palavra, da porta de entrada, como se fosse um manual de instruções, o sopro inaugural? O que resta se quisermos escrever justamente um *pró-logos* que recusa essa ordem?

Talvez, o que nos sobra seja soprar o pó das páginas ins-piradas e ex-piradas no intervalo de duas respirações com um pulmão doente, arrítmico. Escrever no entre-tempo que não quer começar nem acabar, escrever em um 'entre Deleuze', em um tempo de anti-aniversário: em uma temporalidade que não se mede nem se classifica, que só existe porque não existe, mas porque acontece e escapa da contagem de *Cronos* (Κρόνος), se dissolvendo no tempo liso de *Aion* (Αἰών).

Ou, quiçá, seja um peculiar *pró-logos* da escrita devir-Deleuze que se recusa a apresentar o texto e, no entanto, inaugura o inaugurável: a zona de indiscernibilidade do texto, seus interstícios e fissuras: tópica que hesita na beira de um precipício. Uma singularidade Deleuze, anfíbia: um só pulmão que marca o ritmo do ar pela precisão da falta. Cada respiração é uma aposta: mergulhar, imergir, voltar. “Um pouco de ar, senão sufoco”! Eis o poema agônico de Deleuze que ele nunca escreveu, escrevemo-lo nós:

Pulmão-palavra

Escrevo como quem respira
e às vezes falha.

Cada sílaba, um alvéolo inflamado,
cada ponto, uma pausa de oxigênio curto.

A bronquite ou bronca rabisca no papel
com sua caligrafia áspera,
o enfisema alonga as frases
até que a tinta se rarefaça.

Asma: um verso que se fecha antes do fim,
uma vírgula que aperta o peito.

A tosse: pontuação involuntária,
abre parênteses de ar e de ser, talvez de *et, et, et etc.*

fecha aspas com catarro.

Quem lê, inspira meus escombros,
sente o chiado da literalidade,
o escarro de consoantes sujas,
o hálito de tinta.

No fim,
resta essa ironia vital:
mesmo quando o pulmão se recusa,
a escrita insiste
em respirar por mim.

Este *pró-logos* escrito com um só pulmão, órgãos sem corpo, não anuncia. Não prepara. Não oferece chaves, apenas fratura a lógica. É um começo que já veio de longe e um fim que se prolonga sem nunca concluir, porque cada palavra respira com a outra, como se todas compartilhassem o mesmo pulmão que falha, que também fala, o mesmo fôlego interrompido.

Nosso *pró-logos* que celebra o centenário de Deleuze não trata de *cem*, é, em todo caso, um bicho de *cem pés*, de *sete cabeças* também: o devir-animal-Deleuze. Ele não gosta dos *anniversarios* (o que retorna em sua *Mesmidade*). O corpo ou *corpus* do devir-animal-Deleuze, ao contrário, convoca errância infinita, borda indiscernível, tremor da escrita paradoxal, tempo de oscilação sem métrica. Não se organiza por órgãos, nem por *Centrum* imperial, nem traça normativas, nem espaço reticular, é, então, ponto divisível, linha de *fugação* ou retenção evanescente.

Ora, o que é um bicho de *cem pés* ou de *sete cabeças*: o devir-animal-Deleuze?
Não sabemos.

Um bicho de *cem pés* ou de *sete cabeças* não anda, desanda, não diz, desdiz, não é, se multiplica.

Só patas, patas, patas. Patas que não vão a lugar algum.

Cada pé sem pai. Cada passo desiste do *Eu*, mas afirma *Euforia* da singularidade.

Cada pai sem pé. Cada passo um convite de escrita travesti, transsexual, transtextual.

Tal bicho de *cem pés* ou de *sete cabeças* contagia, se arrasta: é rizoma encarnado no silêncio do subsolo, o sub-sozinho, da sub-solidão.

A repetição é diferença.

O bicho, corpo ou *corpus* irregular de Deleuze, convoca para uma cerimônia de fantasma nômade, borda difusa, tremor da escrita paroxística, tempo de indiscernibilidade. Não se organiza por órgãos, nem por *Centrum* imperial, nem traça normativa, nem espaço reticular: é ponto, linha de *fugação* ou retenção evanescente, superfície de palimpsesto. É, portanto, intempestivo. Não costuma invocar aniversários mensuráveis, mas costura acontecimentos *aion-icos*. Sem origem. Sem decalque. Sem Deleuze.

Talvez este *pró-logos* não seja mais que o fantasma de um animal que atravessou a página e apagou suas próprias pegadas, deixando apenas o bafo a turvar o vidro da leitura. Não se sabe se foi fera ou vento, se carregava carne ou era pura dobra de ar. No vão entre duas frases, sente-se um sopro órfão, que não pertence a ninguém — como se o texto, ao engolir um pulmão alheio, tivesse decidido não o devolver e, da falta, inventasse seu fôlego. Mais que celebração, este *pró-logos* é a errância rasteira de um corpo que se multiplica para se perder, pés que não chegam, cabeças que não pensam, apenas se dispersam até confundir-se com o próprio chão que devoram.

Errância e multiplicação expressas neste número especial da *DIAPHONÍA* (vol. 11, n. 3), Revista dos Discentes do Curso de Filosofia da UNIOESTE, promovida pelo Grupo PET [Programa de Educação Tutorial], que comemora, em 2025, seus 10 anos de fundação e os 100 anos do nascimento de Gilles Deleuze. Sendo a mais volumosa edição deste decênio, a *Revista* inicia com a **Secção Entrevistas**, tendo como convidado especial, para essa ocasião, o Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi, aquele que está praticamente referido em todas as escrituras que compõem este *Dossiê*, porque é graças a ele, principalmente, que temos as obras de Deleuze traduzidas no Brasil. A **Secção Artigos** é composta de 31 trabalhos, que conjugam movimentos entre o dentro e o fora da Filosofia de Deleuze, entremeados pelas três caóides - filosofia, artes e ciências - e experiências singulares de recepção, leituras, apropriações e transformações dessa filosofia que extravasa e faz rizoma, laço e entrelaço prolongado na **Secção Escritos com Prazer** com 29 variações de formas de conteúdo e de expressão, as quais rendem homenagens a Deleuze e seus intercessores.

A **Secção Oficinas** apresenta a experiência entre um professor de Filosofia e estudantes do Ensino Médio que se puseram em conversação virtual com um Deleuze inventado pela Inteligência Artificial. Por fim, o *Dossiê em celebração ao centenário de Gilles Deleuze* é arrematado com a **Secção de Tradução**, na qual dois textos inéditos, em português, são disponibilizados ao público brasileiro: primeiro a tradução do texto de Félix Guattari, *Les agents de l'aliénation et du désir : la tension énonciative*, gentilmente autorizada por seus filhos, Bruno e Emmanuelle Guattari, feita pelo professor Dr. Vladimir Moreira Lima (UERJ); depois, a tradução de parte do primeiro capítulo do livro de Anne Sauvagnargues, *Deleuze. De l'animal à l'art*, realizada por Gláucia Figueiredo e Thiago Novaes.

Um brinde a Deleuze!

Um brinde à *DIAPHONÍA*!

Organizadores:

Ester Maria Dreher Heuser

Ana Carolina Noffke

Arthur Matos de Araújo

Gláucia Figueiredo

Gustavo Henrique Martins

Michelle Martins

Ruben Matesan

Tamara Pasqualatto